A ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO, LEITURA E SUAS ESTRATÉGIAS SIGNIFICATIVAS

VIVIANE MENEZES DE SOUZA

RESUMO

Todos os indivíduos nascem com a capacidade inata de decifrar símbolos escritos e adquirem a habilidade de expressão textual ao longo do tempo. No entanto, é necessário evitar uma visão simplória da atividade de leitura, pois um bom leitor não se limita a decifrar letras e formar palavras. Um bom leitor é capaz de interagir com o texto, ampliar ideias, estabelecer conexões com outras obras e extrair novas proposições a partir dele. Um ambiente propício para aprender essa habilidade é a instituição educacional, que guiará o aluno para se tornar um leitor habilidoso e consciente de sua relação com o texto. Durante a leitura, realizamos uma série de processos mentais complexos que nos permitem continuar a avançar. Em certos momentos, podem surgir obstáculos ao longo desse processo. Portanto, é de suma importância utilizar estratégias eficazes de leitura e escrita, a fim de transformar a experiência de ler e escrever em algo que nos proporcione a satisfação de alcançar nossos objetivos.

Palavras-chave: Conexões; Letras; Processos Mentais.

INTRODUÇÃO

Conforme mencionado por Koch (2005b, p.17), o "texto é um evento dialógico (interacional), um espaço de interação entre indivíduos sociais contemporâneos ou não, presentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas constantemente envolvidos em diálogo". Além disso, de acordo com Koch (2004a, p. 12), o texto pode ter várias concepções, porém, para este estudo, adotaremos a definição sociocognitiva interacional de texto como um lugar de interação entre agentes sociais e de construção interacional de significados.

O diálogo estabelecido entre o leitor e o texto é motivado por fatores externos, como fantasiar, entreter-se, informar-se, seguir instruções para realizar uma atividade específica (cozinhar, conhecer as regras de um jogo), entre outros. Em outras palavras, para que um leitor ativo processe e análise um texto, é necessário ter um objetivo que oriente a leitura. Portanto, sempre que lemos algo, temos um propósito em mente.

Dessa forma, entendemos que ler é construir significados, ou seja, a leitura é um processo pelo qual compreendemos a linguagem escrita, e o leitor é um sujeito ativo que interage com o texto porque busca algo nele. Portanto, quando pensamos na leitura com fins educacionais, podemos dizer que ela é eficaz apenas se resultar em aprendizagem significativa, para o qual é fundamental estabelecer um objetivo.

No entanto, para alcançar o objetivo da leitura, é necessário adotar estratégias adequadas. Segundo Koch (2007c), a leitura de um texto exige muito mais do que o conhecimento linguístico compartilhado entre os interlocutores. O leitor precisa usar várias estratégias linguísticas e cognitivo discursivas para formular hipóteses, preencher lacunas apresentadas no texto. Portanto, nesse processo, o leitor é ativo, e tanto o autor quanto o leitor devem ser vistos como estrategistas na interação pela linguagem, pois ambos estão construindo um diálogo em que o leitor se depara com palavras escritas por um autor ausente para complementar as informações.

Assim, ao ler, começamos a interagir com o texto quando ativamos nossos conhecimentos prévios, seja sobre o mesmo assunto ou algo relacionado, para atribuir significado às palavras, frases e parágrafos que lemos. Nossos conhecimentos prévios serão confirmados ou refutados durante a leitura. Nesse processo, relacionamos as novas informações ao nosso repertório existente, ampliando-o e/ou transformando-o qualitativamente.

O leitor experiente possui duas características essenciais que tornam a leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional: em primeiro lugar, ele lê com um objetivo em mente, ou seja, sua leitura é realizada com consciência do propósito; em segundo lugar, ele compreende o que lê, interpretando seletivamente o que seus olhos percebem, recorrendo a diferentes estratégias para tornar o texto compreensível quando encontra dificuldades de compreensão (KLEIMAN, 2000, p. 51, apud KRIEGL, 2002).

A leitura e a escrita desempenham um papel fundamental na sociedade, permitindo-nos compreendê-la melhor. Através de diversos meios de informação e conhecimento, adquirimos os saberes necessários para não apenas pertencer, mas também participar ativamente da sociedade, contribuindo para seu desenvolvimento e progresso.

De acordo com Freire (1982, p.23):

A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. [...] Linguagem e realidade se aprendem dinamicamente. [...] A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura da-

quela (FREIRE, 1982, p. 23).

A habilidade de ler e escrever está presente em nossas existências desde os primeiros momentos, e por meio delas nos engajamos e nos conectamos com a sociedade.

Durante muitos anos, a alfabetização foi concebida apenas como o ato de decodificar o código escrito. Essa compreensão restrita e simplista do que significa alfabetização determinava se uma pessoa era considerada alfabetizada ou analfabeta.

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania (SOARES, 2004 apud BRILHANTE, 2010, p. 07)

É imprescindível adotar abordagens de ensino inovadoras nas escolas, nas quais os alunos não apenas dominem o código, executando leituras e escritas mecânicas, mas tenham um aprendizado significativo que lhes permita compreender e se apropriar da complexidade do mundo da escrita.

Os alunos devem ser encorajados a pensar, a se comunicar, a experimentar emoções e a buscar seus objetivos, sonhos e direitos, e é por meio do mundo da escrita que esses estímulos são oferecidos.

Quando as crianças chegam à escola, já possuem um conjunto de conhecimentos adquiridos em seu cotidiano, e cabe à instituição educacional dar continuidade a esse processo, promovendo uma aprendizagem significativa das diversas funções da leitura e da escrita.

Ao ler, realizamos uma variedade de processos mentais para prosseguir na leitura. Em certos momentos, podem surgir dificuldades durante o processo. Portanto, é de extrema importância utilizar estratégias de leitura para transformar a leitura em algo que nos proporcione a satisfação de alcançar nossos objetivos.

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NA INSERÇÃO DA CRIANÇA NA SOCIEDADE LETRADA

Vivemos em uma sociedade em que as informações são compartilhadas rapidamente, trazendo consigo novos conhecimentos que serão aplicados diariamente, especialmente pelas crianças, em diferentes contextos e situações. Outeiral (2002, p. 119) destaca esse aspecto.

Nossas crianças estão sendo expostas a um ritmo intenso. O enunciado básico é de que o tempo das crianças hoje é muito mais rápido do que o tempo dos adultos; refiro-me, evidentemente, ao tempo interno, tempo de elaboração das experiências, e não apenas ao tempo cronológico.

A transmissão dessas informações geralmente ocorre por meio da leitura e da escrita. Desde cedo, as crianças entram em contato com um mundo alfabetizado, onde jogos, brinquedos, livros, computadores, celulares e tablets fazem parte de suas vidas antes mesmo de frequentarem a escola.

Durante as brincadeiras fora do ambiente escolar, as crianças têm uma exposição não sistemática à leitura e à escrita, e é nesse momento que surge o interesse por essas habilidades. Esse interesse pode crescer ainda mais se houver estímulo e apoio por parte das pessoas ao seu redor. No entanto, caso não haja incentivo, o oposto pode acontecer.

Quando as crianças ingressam na escola, seu conhecimento prévio é organizado de maneira sistemática. O ambiente escolar se torna um cenário repleto de descobertas e conhecimentos, onde gestores, professores e funcionários atuam como facilitadores e colaboradores nas atividades dos alunos.

O processo de letramento das crianças se torna um verdadeiro espetáculo, no qual o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita são responsabilidade de todos os envolvidos no processo educacional, desde a entrada na escola até a chegada à sala de aula. Nesse sentido, é importante que a criança tenha contato com propagandas, cartazes, meios de comunicação e outros materiais disponíveis na instituição escolar, que incentivem a prática da leitura e escrita. Como menciona Barbosa (2006, p. 2749):

Acreditamos que no atual cenário de “desencanto escolar” motivar seria a palavra-chave para o resgate do interesse pelo aprender, pois etimologicamente a palavra motivo vem do latim “movere”, “motum” e significa aquilo que faz mover, em consequência motivar significa movimento.

No entanto, é essencial ressaltar que todos os funcionários da escola desempenhem o papel de alfabetizadores, de acordo com suas respectivas funções, por meio de informações, mensagens ou avisos expostos em seus locais de trabalho. Isso cria um ambiente acolhedor, onde a leitura e escrita estão sempre presentes, em uma quantidade adequada, levando em consideração os interesses dos alunos, a disponibilidade de recursos oferecidos pela instituição e a estrutura física da escola.

Dessa forma, quando a escola conta com um espaço e uma equipe de professores que realizam um trabalho planejado, elaborado e organizado, com foco na motivação e aprendizagem dos alunos, isso indica que ela está preparada para receber os estudantes e guiá-los pelo mundo da leitura e da escrita de

maneira prazerosa.

Nesse sentido, é importante destacar que a sala de aula não pode ser diferente. Paredes, estantes, quadros, personagens infantis, caixas de sapato, cestos com livros e outros elementos devem ser decorados com frases, palavras ou textos. Cabe ao professor criar um ambiente harmonioso que estimule o desejo da criança de ler e escrever. Dessa forma, com entusiasmo, a leitura e a escrita se estenderão para além da sala de aula, alcançando outros espaços.

O processo de desenvolvimento da leitura e escrita é uma jornada prazerosa no ensino fundamental.

A habilidade de ler e escrever está presente em todos os lugares, e as crianças começam a entrar em contato com o mundo da escrita desde muito cedo. Isso ocorre devido à presença de objetos ao seu redor, como embalagens, adesivos, jogos, brinquedos, televisores, placas comerciais, histórias infantis e muitos outros, que se tornam fontes inesgotáveis de estímulos relacionados à alfabetização. Dessa forma, o processo de alfabetização se transforma em uma aventura vivenciada pelo próprio aluno, especialmente quando é conduzido de maneira eficaz pelo professor. Como afirma Smith (1989, p. 236):

Existe somente um modo de se resumir tudo o que uma criança deve aprender a fim de se tornar um leitor fluente, e este é dizer que a criança deve aprender a utilizar a informação não-visual, ou o conhecimento anterior, de modo eficiente, quando atentado para a linguagem escrita. É uma compreensão das finalidades e convenções dos textos é uma parte central da informação não-visual. Pois, o aprender a ler não requer memorização de nomes e letras, ou regras fonéticas, ou um grande vocabulário; tudo isto vem no curso do aprendizado da leitura, e pouco disto fará sentido para uma criança sem alguma experiência em leitura.

Quando se aborda o prazer de ensinar e aprender a ler e escrever, é importante ressaltar que esse momento de aprendizagem é singular, cheio de desafios, superação e descobertas, afetando emocionalmente, intelectualmente e socialmente o aluno de forma intensa. Essa transformação requer do professor um engajamento significativo no processo de ensino e aprendizagem, além do prazer em realizar essa tarefa e transmitir emoção por meio de suas ações. Um professor que encontra prazer em alfabetizar tem muito mais chances de auxiliar seus alunos nessa jornada de descoberta.

Nessa fase, o professor embarca em uma jornada fantástica junto com seus alunos, em um mundo onde a leitura e a escrita surgem com cores, formas e tamanhos diversos, em lugares reais ou imaginários. Respeitando o ritmo de cada criança, desperta-se o gosto pela leitura e escrita, vivenciado pelo próprio professor, ultrapassando assim os limites da sala de aula e se tornando parte da vida de cada criança. Conforme afirma Harper (1992, p.63): "Quanto mais jovem o aluno, maior a necessidade de utilizar recursos variados e não apenas 'falar e escrever no quadro'. É importante envolver todos os sentidos, utilizando exemplos, lembrando de filmes relacionados ao conteúdo e estimulando a curiosidade das crianças com perguntas e problemas".

Além disso, é perceptível que a criança precisa compreender o significado dos textos, frases e até mesmo das palavras trabalhadas. Portanto, o professor que busca a aprendizagem dos alunos não se restringe apenas a realizar atividades prontas, cujos resultados estão predefinidos no planejamento, mas sim incentiva a participação dos alunos desde a seleção das atividades até a sua execução. Analisando constantemente os alunos, respeitando suas individualidades e desempenho nas atividades propostas de acordo com o conteúdo.

É de grande importância que o professor surpreenda seus alunos, proporcionando uma experiência de alfabetização prazerosa, por meio de atividades que despertem a curiosidade tanto do aluno quanto do próprio educador. Juntos, eles embarcam nessa jornada ousada cujo objetivo é a leitura e a escrita. É importante permitir que os resultados sejam previstos, mas não finais, pois a aprendizagem ocorre na prática, com a participação de todos os envolvidos nessa aventura. Dessa forma, as aulas se tornam estimulantes, despertando a curiosidade que impulsiona a aprendizagem. Conforme ressalta Freire (1996, p. 86):

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma "cantiga de ninar". [...] É preciso que o professor se ache "repousado" no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer.

É evidente que o professor não está isento das mudanças que ocorrem dentro ou fora da sala de aula durante o processo de alfabetização. Embora as turmas do Ensino Fundamental, nos anos iniciais, tenham o mesmo objetivo de ensinar e desenvolver a habilidade de leitura e escrita nos alunos, a cada vez que o educador alfabetiza um grupo de estudantes, há uma transformação em suas vidas, preparando-os para aprender conteúdos mais complexos.

No entanto, é comum encontrar crianças enfrentando dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. Influências internas e externas podem desencadear reações inevitáveis que afetam positiva ou negativamente o desenvolvimento da aprendizagem. Por-

tanto, é necessário que o professor planeje as aulas com base nos interesses de seus alunos. Dessa forma, ele será capaz de manter a turma em um nível de motivação equilibrado, pois a motivação é interna, mas o professor atua como agente ativador, diagnosticando, analisando e agindo diante das dificuldades apresentadas pelo aluno. Conforme comenta Barbosa (2006, p.236):

Quando encontramos na escola um aprendiz com dificuldades para aprender precisamos, além de conhecer o sintoma, ou seja, a dificuldade apresentada, observá-la e entender como ela acontece naquele momento, o papel do contexto no seu aparecimento e, também, estudar a gênese da dificuldade através da história do aprendiz.

Em determinados momentos, mesmo quando o professor reconhece que a criança não está aprendendo da maneira como foi ensinada, ele continua utilizando a mesma metodologia durante todo o ano, resultando no fracasso do aluno. No entanto, é perceptível que o professor que busca melhorar suas aulas com novidades, que encantam e cativam os estudantes, faz com que cada um deles, incluindo o próprio educador, mergulhe profundamente no mundo da leitura e escrita, transmitindo emoção e prazer no processo de ensino-aprendizagem.

RECURSOS DIDÁTICOS

Os recursos didáticos materiais desempenham um papel fundamental como impulsionadores no processo de letramento.

A aprendizagem efetiva requer o engajamento ativo do aluno, e os recursos materiais se tornam ferramentas indispensáveis para o trabalho do professor, indo além das paredes da sala de aula, por meio de objetos reais ou representações visuais do conteúdo estudado. É crucial que o professor dedique tempo e esforço na preparação de um material didático rico, com uma variedade de recursos, para suas aulas.

Dessa forma, o uso desses recursos auxilia na compreensão dos textos trabalhados pelos alunos, permitindo ao educador utilizar recursos contemporâneos ou tradicionais, levando em consideração a contribuição de cada recurso para a aprendizagem do aluno em processo de alfabetização.

Conforme ressalta Freire (1996, p. 35):

É próprio pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo não pode ser negada ou acolhida só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico, o velho que preserva sua validade ou encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo, continua novo.

Dessa forma, nota-se que uma sala de aula desprovida de recursos fica desconectada da vivência dos alunos. Diante disso, torna-se pertinente alfabetizar crianças utilizando recursos que sejam familiares a elas em seu dia a dia, tais como jogos, atividades lúdicas, embalagens, canções, narrativas, cartazes e o livro didático. É essencial adaptar todos esses materiais ao contexto social da criança que está em processo de alfabetização.

A CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O uso dos jogos no processo de alfabetização tem como principal vantagem o fato de serem divertidos. Cabe ao professor pesquisar ou criar jogos cativantes que estimulem a criança, adequados ao aprendizado da leitura e escrita, levando sempre em consideração o nível de conhecimento dos alunos e partindo de suas realidades para o estudo dos conteúdos desejados. Segundo Chateau (1997, p. 14), "É por meio do jogo, do brinquedo, que a alma e a inteligência se desenvolvem. [...] Uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de adulto, será um adulto que não saberá pensar".

Dessa forma, percebe-se que o jogo busca demonstrar que o prazer e a confiança aumentam quando a criança se sente cada vez mais preparada para aproveitar os conhecimentos adquiridos em sala de aula de acordo com sua vida cotidiana infantil.

As brincadeiras desempenham um papel fundamental durante o processo de alfabetização. O aluno chega à escola trazendo consigo diversos conhecimentos que, na maioria das vezes, estão um pouco desorganizados, mas são essenciais para sua alfabetização. Assim, as brincadeiras realizadas nos anos anteriores à vida escolar servirão como base para as novas brincadeiras, agora com um objetivo determinado pelo processo de ensino aprendizagem: aprender a ler e escrever brincando.

Se a vida é um jogo e o jogo pode se transformar em brincadeira, por que não viver brincando e aprender com a brincadeira? [...] a brincadeira permite ao educando criar, imaginar, fazer de conta, funcionam como laboratório de aprendizagem, permite ao educando experimentar, medir, utilizar, equivocar-se e fundamentalmente aprender. (BARBOSA, 2006, p.122).

A atividade lúdica não está restrita a regras rígidas, embora cada modalidade de brincadeira envolva uma sequência de ações que devem ser consideradas para alcançar o objetivo almejado. Dessa forma, as brincadeiras infantis se tornam valiosas ferramentas no processo de alfabetização, além de proporcionar uma abordagem prazerosa para aprender a ler e escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na instituição educacional, frequentemente se evidenciam questões relacionadas a dificuldades de leitura, e quando identificadas a tempo, é possível corrigi-las. Nesse contexto, alguns educadores, ao analisar o papel da escola, destacam a necessidade de aprimorar a qualidade dos profissionais para atender às necessidades do aluno. Compreende-se que os processos de aquisição da leitura, em muitos casos, não são resultado exclusivo de falhas da escola, uma vez que o ambiente familiar no qual muitas crianças estão inseridas não oferece condições favoráveis para seu aprendizado.

No processo educacional, não é possível ensinar a escrita de forma neutra. A seleção de textos e situações vivenciadas deve considerar temas que auxiliem as crianças a desenvolverem atitudes críticas.

Dessa forma, a leitura e a escrita são um processo que demanda diversas análises visando aprimorar sua aquisição, com intervenção do educador quando necessário. Uma questão importante a ser ponderada é a concepção do professor em relação à natureza do ato de ler, uma vez que essa concepção influencia significativamente a organização do trabalho de leitura em termos de ensino.

Ao compreender a leitura sob uma perspectiva social e em função das contradições presentes na realidade brasileira, percebe-se que ler e escrever é uma maneira de formar um povo mais engajado e participativo, pois a leitura proporciona ferramentas para combater a alienação e a ignorância. O ato de ler vai além da decodificação, abrange a compreensão e a inferência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura. São Paulo: Cortez, 2006. BRILHÁNTE, L. H. A. A. Alfabetização e Letramento: por uma proposta didática para alfabetizar letrando. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação, 2010, Teresina.

CHATEAU, J. O jogo na criança. São Paulo: Summus, 1997.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KOCH, Ingedore G. V. Desvendando os segredos do texto. 4 ed. São Paulo:

Cortez Editora, 2005.